

Festival do Teatro Brasileiro

Pensamento Crítico

Moscou é aqui e Moscou não é aqui
Por Márcio Bastos

Não faz muito tempo, a ideia do Brasil como o país do futuro parecia plausível, após cinco séculos de exploração e opressão. Era um momento em que todos podiam sonhar com dias melhores. Parece que já faz muito tempo. A imagem do Brasil, hoje, é anacrônica, empoeirada, uma floresta devastada, substituída por porcelanato. “A Moscou! Um Palimpsesto”, da Companhia Setor de Áreas Isoladas, captura de forma certa a ruína dessa utopia.

Em “As Três Irmãs”, Tchekhov aborda a deterioração dos sonhos através de Macha, Irina e Olga. São três mulheres de personalidades distintas, unidas pelos laços de sangue e também pela vontade de transformar suas vidas. Compartilham ainda a dificuldade de quebrar os ciclos que as sufocam. Em “A Moscou...”, o grupo brasileiro retoma essas personagens e seus dramas, mas se permite explorar outras veredas, dialogando com o nosso tempo.

Para as protagonistas de Tchekhov e da Cia Setor de Áreas Isoladas, Moscou é uma promessa de dias melhores, retorno a uma época na qual concretizar seus anseios parecia possível. Elas – principalmente a mais nova, Irina, em cujos aniversários, ao longo dos anos, a trama se passa – vivem em um futuro nostálgico. São representantes de uma aristocracia em decadência, apegadas às tradições e a objetos já sem uso dos quais não conseguem se desapegar.

Em contraste a elas e seu irmão, Andrey, está Natasha. Namorada do rapaz, ela é o elemento estranho naquela família, membro de outra classe e tempo, que quer modificar aquela dinâmica, substituindo receitas familiares por kit de festas, com direito a tudo de plástico; derrubar a floresta para construir sua piscina e cozinha gourmet e viajar, claro, para Miami.

Sem se prender ao original, o texto da peça propõe um jogo instigante, por vezes metalinguístico, que provoca o espectador e o coloca dentro da ação. O coletivo diseca o processo criativo no texto e na própria encenação, instigando o exercício do olhar com um cenário simples e inventivo. Exemplo disso são as samambaias posicionadas na beira do palco, que avançam para o centro ao passo em que os planos da tríade se esfacelam.

Aliás, a ruína emocional e física das personagens é evidenciada nos mínimos detalhes, fruto de um olhar atencioso do grupo. O figurino, a princípio contemporâneo, vai gradativamente ganhando ares arcaicos, até chegar a uma estética oitocentista. A trilha sonora, executada por Filipe Togawa e Kalley Seraine, ambos em cena, é quase uma personagem e parece interpelar as protagonistas, assim como a iluminação, que é instigante e reflete o estado de espírito delas, com o palco cada vez mais lúgubre com o avanço do tempo.

Ada Luana, Ana Paula Braga, Camila Mesckell e Taís Felipe, como Macha, Olga, Irina e Natasha, respectivamente, constroem suas personagens com várias camadas. Suas interpretações evidenciam as frustrações daquelas mulheres, que se boicotam na busca da felicidade, sem as vitimizar, glorificar ou vilanizar. São, antes de tudo, humanas, falhas, reais.

“A Moscou! Um Palimpsesto” enfatiza como é fácil se deixar corroer por dentro. Fala do íntimo e do político, da vida e da arte. Sem luta e coragem, o tempo pode destruir tudo, até os sonhos mais bonitos. É um trabalho emblemático para o Brasil de agora, onde a falência das instituições e os retrocessos sociais tornam mais remota a esperança de dias melhores.